

INFORME FINANCEIRO MBPREV – 01/2026

CENÁRIO INTERNACIONAL:

O Fed (banco central americano) optou por manter a taxa de juros básica dos EUA em 3,75% na sua última reunião. Ao comunicar a decisão, o Comitê ressaltou que vê tendência de estabilidade no mercado de trabalho e a inflação apresenta composição mais favorável na margem. Para as próximas reuniões, o posicionamento mais conservador por parte da maior parte dos diretores indica mais parcimônia. Por outro lado, discussões de cunho mais estrutural tendem a ganhar relevância ao longo de 2026. Em paralelo, temas geopolíticos têm ganhado protagonismo. Nesse contexto, é de particular importância analisar os impactos de determinados eventos sobre o volume do comércio global e sobre a evolução dos preços das commodities, com reflexos sobre crescimento e inflação.

NO BRASIL:

No Brasil, o Banco Central manteve a taxa Selic estável em 15,0% em sua última reunião, mas a comunicação da decisão trouxe a importante sinalização de que, em se confirmando o cenário esperado, o início do ciclo de corte de juros se dará na reunião de março. As últimas leituras de inflação corrente continuam se mostrando mais benignas. O IPCA-15 de janeiro registrou alta de 4,5% em 12 meses, com composição novamente mais construtiva. O mercado de trabalho parece dar sinais mais claros de inflexão e o crescimento do PIB deve registrar desaceleração na leitura referente ao 4º trimestre de 2025. Por fim, a dinâmica da taxa de câmbio seguirá sendo de suma importância.

RENDA FIXA:

A fuga do dólar afetou positivamente a curva de juros no Brasil. Depois de um início de mês morno, as taxas de juros recuaram de maneira relevante mais para meados de janeiro até o fim do mês. Janeiro foi mês de Copom, e o comunicado surpreendeu, dando indício do início do ciclo de corte de juros para março. A questão, agora, é entender como será esse processo. No entanto, o que verdadeiramente ditará os próximos passos do Copom são os dados de atividade e a leitura das expectativas de inflação. Por enquanto, o que o mercado enxerga é uma atividade resiliente e expectativas convergindo de maneira muito lenta. Por outro lado, a forte valorização do real é um fator desinflacionário importante. A curva de juros reais permaneceu praticamente flat(sem alteração), com leve queda na parte mais curta e leve alta na parte intermediária/longa. Com isso, a inflação de break-even (diferença entre juros nominais e reais) recuou, em função, principalmente, da valorização do real.

RENTA VARIÁVEL:

O destaque foi para renda variável. A bolsa foi o ativo brasileiro que mais se beneficiou com a rotação dos investidores globais em direção aos mercados emergentes. A alta de 12,67% em janeiro (IbrX) foi a maior valorização mensal desde novembro de 2020. O fluxo estrangeiro foi o único responsável por este movimento, dado que o investidor local há muito abandonou a bolsa. O setor de educação foi o destaque positivo, com Anima (+58,0%) e Cogna (+44,0%) liderando a valorização no mês. Também Petrobrás (+22,5%) e PetroRio (+23,1%) apresentaram valorização expressiva, em função da alta do preço do petróleo, que subiu 13,6% no mês, em função das tensões entre EUA e Irã.

O que isso Impacta nas carteiras da MBPREV?

Os investimentos da carteira **conservadora**, que são compostos por 100% renda fixa, obtiveram rentabilidade **positiva** em janeiro de 2026 de **1,20%**, contra o **CDI de 1,16%**.

Já na carteira **moderada**, a rentabilidade em janeiro de 2026 fechou no campo **positivo**, **1,92%**.

Na carteira **arrojada** obteve uma rentabilidade **positiva** no mês de janeiro de 2026 de **2,60%**.

E por fim a carteira **mais gerações** obteve uma rentabilidade **positiva** no mês de janeiro de 2026 de **1,20%**.

Luciana Bassan - Diretoria Financeira – AETQ 06/02/2026

Informe baseado nas fontes: Valor Econômico, Santander, Western e Boletim Focus